This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

PQ
9697
G96
C6

L. GONÇALVES JUNIOR.

Americo Moura

CORYMBOS

CORYMBOS

POR

L. GUIMARÃES JUNIOR

Aimer, prier, chanter, voilà toute ma vie.

LAMARTINE.

RECIFE

TYP. DO CORREIO PERNAMBUCANO

RUA DE S. FRANCISCO N. 2

1869.

29697
G9606

A MINHA ADORADA MÃE

As folhas d'este livrinho
Guarda, ó Mãe, no seio teo:
São aves: — dá-lhes um ninho —
São anjos: — fecha-os no céo!

723

A

M. A.

L.

Se te é possivel pela dôr que sentes
Medir a dôr que vai me consumindo;
Se por meus versos meu amor sentindo,
Sentires minhas lagrimas ardentes;

Se a teus brandos ouvidos innocentes
Meu nome ainda resoar fugindo,
Como em dous lyrios que se vão abrindo
Passam do vento os surdos ais plangentes;

Crê n'estes versos que escrevi chorando:
Crê n'este pranto que a gemer bebi,
Sombrio e mudo, em sonhos te adorando,

Peza a saudade que me opprime aqui:
Por ella eu morro que me está mattando,
Por ella eu vivo, — porque penso em ti!

Recife — Novembro — 1868.

INTIMA

(1866)

L'amour sait tout franchir, et bienheureux qui laisse
La sueur de son front aux pieds de sa maîtresse!

Alf. de Musset.

Tu és a nuvem de iriante prisma
Onde minh'alma pensativa mora:
Tu és a urna em que minh'alma chora,
Tu és a esphera em que minh'alma scisma!

Vaguei perdido, delirante, ardente,
Do mundo esteril no areial maninho,
E em teu regaço fui achar o ninho
Onde cantava o meu amor nascente.

Fitei sombrio a vastidão sem véus:
No seio d'oiro da celeste altura
Eu vi a estrella fulgurar mais pura
E um novo encanto illuminar os ceus...

Voltei á terra, aos infernaes escolhos
Á campa immensa onde a ventura finda:
Tremi de medo! vi mais luz ainda:
Eu vi na terra os teus divinos olhos!

Ah! como sombra que a vagar delira
De infausto abysmo atravessando as bordas,
Tentei de novo acarinhar as cordas
Da já partida e desprezada lyra:

Ao som plangente despertei teus passos,
Vieste e eu pude sem manchar o archanjo,
Beijar-te as azas virginaes, meu anjo,
Ter-te, mulher, em meus cançados braços!

Depois vagámos sobre as ondas cérulas
Ao som divino dos mais puros cantos:
Fiz-te um collar dos meus sagrados prantos,
Lagrimas sim! e não mentidas perolas!

O mundo escravo nos fitou senhor:
E a setta impura, a venenosa setta,
Ferio-te, archanjo, e me prostrou poeta,
Vinvo e noivo do mais casto amor!

Hoje exilado as solidões percorro,
Embalde, embalde tento unir-me a ti!
A terra folga, a natureza ri
E ao som das festas eu nas festas morro!

Meu pensamento se cobrio de luto
E é meu castigo divagar sem tino,
Colhendo as palmas que inspirar n'um hymno,
Banhado em pranto e com o semblante enchuto!

Ah! nem me é dado junto a ti morrer:
Nuvem maldita sobre nós pairava:
A lei covarde que te fez escrava,
Fez-nos escravos d'um fatal dever!

Dever sublime em nossas almas cala!
Venha a Justiça que este amôr algeme:
Tu mostrarás um coração que geme,
Eu mostrarei um coração que estalla!

— Olinda.

SUPPLICA

(1868)

Queres saber onde minh'alma anciosa
Depura a taça dos festins da vida?
Onde ella sonha e se extasia e gosa,
Núa de louros, — de ambições despida?

É nos teus labios, minha mãe querida!

Queres saber em que lugar medita
Minh'alma á casta Inspiração unida?
Onde meu ser illuminado habita
Bem como a lua em fundo azul perdida?

É nos teus olhos, minha mãe querida!

Ah! se tu vires despontar o dia
Em que minh'alma fôr por Deus colhida:
Do morto a fronte macilenta e fria
Antes de ser á terra conduzida,

Deita em teu seio, minha mãe querida!

— Recife.

O FUTURO

(1867)

A la très chère, á la très-belle
Qui remplit mon cœur de clarté!

—(*Charles Baudelaire.*)

Porque tal desalento e tamanha tristeza?
Da rubra natureza entrega-te ao affan:
O passado, Maria, é a treva espavorida,
O futuro querida, é a estrella da manhan!

Desabafa em meu seio as ondas do teu pranto:
Evoquemos o encanto, a virtude e o prazer:
O passado, meu anjo, é a nuvem fugidia,
O futuro, Maria, é o sol que vai romper!

Desfaz-te em luz, aurora! Ergue-te azinha, estrella!
Se tu sabes ser bella, eu sei te idolatrar:
O passado, Maria, é a voz da tempestade,
Querida! a mocidade é o verde-azul do mar!

Porque tanta tristeza e tanto desalento?
Despreza aos ais do vento os ais da tua dor:
O passado, Maria, é o pó funereo e escuro,
E o futuro? O futuro é mais que tudo, é o amor!

— Recife.

CONSUELO

(1868)

A M. E.

Melindroso e doce encanto
Que dás sempre á minha dor,
Uma gota do teu pranto,
Um raio do teu fulgor;

Pallida e bella adorada,
— Luz na minha escuridão —
Em cuja bôcca magoada
Suspira o meu coração;

Lyra de dulia harmonia
Onde o poder creador,
Soube afinar a Poesia
Pela musica do amor;

Favo de mel odoroso,
Que á minha bôcca desceu,
Virgem que excitas o goso,
Anjo que apontas o céu;

Lyrio medroso e orvalhado
Da aurora no alvorecer,
Em cujo calix nevado
Meu sonho vai se esconder;

Lampada eterna que véla
Na minha negra afflicção,
Tendo por luz uma estrella...
Por oleo — a Consolação:

Visão de amor derradeira
Que a meus olhos vem luzir:
Minha lagrima primeira
E meu ultimo sorrir;

Deus te poupe as amarguras,
Que a minh'alma não pouppou!
Deus te dê tantas venturas
Quantas o céu me negou.

— Recife.

AO NIEMEN

(MIÇKIEWICZ — 1868)

Oh meu rio natal! Em vão procuro
No teu regaço as vagas rescendentes,
Onde estas mãos banhei inda innocentes,
Certo da vida e do prazer seguro;

De Laura em cujo olhar li meu futuro
— Risonho cofre de meus ais plangentes,
Guardou teu seio as graças refulgentes,
Que eu perturbava com meu pranto puro:

Oh meu rio natal! Onde occultaste
Tantas riquezas e thesouros tantos?
Onde a minha ventura sepultaste?

Laura onde está? Aonde os seus encantos?
Tudo mirrou-se como tu seccaste!
Só vós! só vós não seccareis meus prantos!

— Recife.

A GARÇA

(1868)

. . . . . .je regarde toujours
Cher astre, tes yeux clairs à travers la mer sombre...

— *Xavier de Ricard.*

As negras ondas da vida
Solitaria atravessando,
Minh'alma — garça perdida,
Vai gemendo e vai voando:

A correnteza fremente
Sombria passa a arquejar,
Mas a garça alvinitente
Mal roça as azas no mar:

O céu pezado se espraia
Chumbando a morna amplidão:
Fica longe, longe a praia
E não tarda a cerração;

Em que concavo se aninha
A branca filha do mar?
Porque minh'alma caminha?
Onde est'alma vai pouzar?

Vai pouzar na fresca margem,
Que entre as sombras vê luzir,
Onde habita a tua imagem,
Onde mora o teu sorrir;

A pobre garça fugindo
Do vento ao louco furor,
Vai dormir sonhando e rindo
No ninho do nosso amor!

— . . . . .

A SEPULTURA D'ELLA

(1868)

A Plinio de Lima.

Nas longas noites estivaes, calmosas,
Ao terno olhar da fugitiva estrella,
Toda coberta de sereno e rosas,
Como é formosa a sepultura d'ella!

O vento as folhas do chorão percorre,
Os astros vagam na cerulea tella,
E á luz dos astros que scintilla e morre
Como é formosa a sepultura d'ella!

Nos alvos braços d'uma cruz repouza,
Murcha e despida a virginal capella,
E aos pés da cruz que lhe defende a louza,
Como é formosa a sepultura d'ella!

O triste archanjo de funereo encanto,
Que eternamente pelos mortos véla,
Diz entre as azas escondendo o pranto:
Como é formosa a sepultura d'ella!

E ás vezes quando a natureza irada
Desdobra o manto que os fuzis revella,
Cercada d'agua e de tufões cercada,
Como é formosa a sepultura d'ella!

Alli a paz entrelaçada á morte
Dorme entre as dobras da mortalha bella,
Sem luz, sem vida, sem pharol, sem norte
Como é formosa a sepultura d'ella!

Vai, oh minh'alma, oh pobre flor perdida,
Ludibrio eterno de infernal procella,
Vai-te abrigar dos temporaes da vida
Na fresca pedra do sepulchro d'ella!

— Recife.

SATAN

(1868)

Satan criando a Volupia
Rio do Author da immensidade:
Mas Deus do seio das virgens
Fez surgir a Castidade.

O condemnado entre os homens
Tentou lançar um vulcão:
Satan criou a Vingança:
Deus inventou o Perdão!

— Recife.

RECUERDO

(1868)

D'un soir lointain je reconnais les fièvres
Et mon cœur a senti refluer à mes lèvres
Une fraiche saveur de baisers anciens.

Léon Valade.

Nós estavamos sós. Triste e saudosa
Surgia a lua no elevado monte:
Cheia de orvalho suspirava a rosa,
Cheia de rosas suspirava a fonte.

Ao pé de nós a aragem murmurava
Nos curvos ramos da mangueira em flor:
Nos nossos labios a illusão cantava
Nos nossos olhos despontava o amor.

Nós estavamos sós. Ella tremia
Cravando o olhar nos mudos olhos meus:
O que eu lhe disse, o que ella me dizia
Foi um mysterio que sumio-se em Deus,

A natureza festival sorrindo
Nos attrahia e nos forçava a amar:
Dizia o céo: — como esse par é lindo!
Dizia a Noite: — e como é bom sonhar!

Todo o mysterio que seduz e encanta,
Tudo o que corta a solidão baixinho:
O som d'um beijo, o estremecer da planta,
O vôo da ave procurando o ninho;

A folha secca que resvala e freme
Da lua o raio solitario e vago,
O molle orvalho que nas urzes treme,
A sombra inquieta que perturba o lago;

Tudo assistio ao virginal encanto
Das nossas crenças para sempre unidas:
Viram dois rostos confundindo o pranto,
E duas almas confundindo as vidas!

As doidas phrases que a chorar dissemos,
D'aquella noite na eternal mudez,
O louco abraço, as juras que fizemos:
— Não se repetem: fazem-se uma vez!

* * *

SINHA'

(1868)

Peut-être alors, pour me donner le bonheur suprême, Dieu me changerait-il en ton cœur!

—*Mickiewicz, Elégies.*

Longe dos olhos teus, distante embora,
Seguir teus passos meu amor virá:
E no meio das festas e das danças,
Has de sentir um beijo em tuas tranças;
São meus labios, Sinhá..

Quando dormires ninarei teu somno;
E minh'alma comtigo sonhará:
Aos clarões da manhã terna e fagueira,
Verás fugir da tua cabeceira
Minha sombra, Sinhá.

Eu sei, querida, que o meu triste nome
Sempre em teo labio asilo encontrará:
Mas ah! se um dia a morte dolorida
Arrancar de meu ser a força e a vida,
Longe de ti, Sinhá,

Minh'alma ardente atravessando o espaço,
Cheia de sombras e de luz virá,
Como o filho que volta ao lar materno
Dormir o somno do descanço eterno
Nos teus braços, Sinhá!

—Recife.

A BARCA (*)

— QUADRO DE VUYLSTEKE —

A D. Antonio Casademunt

O sol morno, agonisante,
Sepulto quasi no mar,
Lançava á terra distante
Um melancolico olhar!

Do dia a luz derradeira
Rasgando a nuvem saudosa,
Formava na agua fagueira
Uma esteira luminosa;

(*) Trad. de Charles Potvins.

Lá vai a barca erradia,
Garbosa passa a correr,
E fogem d'ella á porfia
Os ruidos do prazer:

Na barca que vai singrando
Moços, da vida na flor,
Amor! bradavam cantando,
E a vaga cantava: — Amor!

Um só, — na prôa sentado,
Pallido e triste escutava
O canto desenfreado:
— Era o unico que amava!

— Recife.

QUATORZE VERSOS

(1863)

Vai! Sê feliz! Meu coração magoado
Desdenha a esmola do teu divo encanto;
Para estancar as ondas do meu pranto
Fora mister riscar o meu passado;

Teus olhos falsos, teu sorrir pensado,
Da tua sedução todo o quebranto
Dá-os a quem conhece o riso e o canto,
Que eu da ventura vivo desterrado.

Para arrancar-me ao barathro profundo,
Sem estrellas, sem bussola e sem norte
Onde meu ser arqueja moribundo:

Só esse amor que inflinge leis á sorte:
Amor sublime que esquecendo o mundo,
Crava os olhos em Deus e os pés na morte!

— Recife.

NOITE DE ESTIO

(1867)

A Noite entornava do seio os encantos:
Da noite nos mantos tremia o luar...
Que aromas, que beijos, que loucos amores,
Da terra nas flores — nas ondas do mar!...

E os genios, os sylphos, as fadas corriam,
E as auras sorriam da noite entre os véos...
— Amor! era a nota voando perdida
Da lyra adormida nos braços de Deos!...

Que festas! que raios! que orchestra divina!
Que loira neblina, que explendida luz!
A pallida Venus das nuvens fugindo
Beijava-se rindo nas ondas azues!

E a tudo assistia minh'alma entre prantos,
Meu peito de encantos e crenças já nu:
Faltava-me um astro, faltava-me a vida:
Querida! Querida! faltavas-me tu!

—Olinda.

ESTANCIAS

(1868)

— Tu te gonfles, mon cœur?... Des pleurs, le croirais-tu,
Tandis que j'écrivais ont baigné mon visage.

— (*Les Vœux Stériles.*)

Dá-me a ventura que fugio comtigo
Dá-me uma flor das flores que voaram:
Ao pé de mim, Maria, aqui comigo
Só lagrimas ficaram.

Á minha voz já não responde um eco:
O vento nos meus pés geme expirando
E do nosso jardim deserto e seco
As rosas vão secando.

As andorinhas que tu vias d'antes
Do céo da tarde as nevoas percorrendo,
Já vão longe, Maria, já distantes,
Que o inverno vem descendo.

Na quieta face da lagôa fria
Onde ambos nós vogavamos sorrindo,
Não vejo mais teu rosto, não, Maria,
Que as trevas vem cahindo.

Se ás vezes ouço o teu vestido branco
Turbar das noites a mudez sombria,
Chego tremendo, — apalpo a relva e o banco:
É tudo vão, Maria.

Parece ás vezes, meu amor, parece
Que a tua voz responde á voz da lyra:
Mas não! é a folha seca que estremece,
É o vento que suspira!

Perdida estás, visão do meu passado!
E vós, meus dias, vós ireis passando,
Como as aguas d'um rio abandonado
Na escuridão rolando...

Nem uma rosa boiará nas agoas.
Nem de estrellas um raio fugidio:
Curtindo penas e espalhando magoas,
Irás secando, oh rio!

Irás secando. E o pé lasso e pezado
Do viajante calcará sem medo,
A campa que sepulta o meu passado
E fecha o meu segredo.

Quem saberá que alli n'aquelle canto
N'aquella relva festival, macia,
Dormem meus ossos, meu amor, meu pranto?!
Nem tu, nem tu, Maria!

— Olinda.

VERSOS AZUES

(1867)

Pódes mentir, minha louca:
Ninguem mente n'essa idade,
Mentira na tua bôca
É dôce como a verdade.

Mentira tão innocente,
Meu louro e pallido archanjo,
É como um véo transparente,
Que cobre os labios d'um anjo.

Quando me dizes sorrindo,
Que não crês no meu amôr,
Não vês que estão te trahindo
A falla, o seio, o rubôr?

E que a voz que assim se exprime
Que assim vibra a suspirar,
Nega em lagrimas o crime
De que tentou se accusar?

Oh! primavera encantada!
Oh! minha santa visão!
Nuvem de estrellas bordada,
Que fecha o meu coração;

Minh'alma dorme esquecida
Nos lyrios do seio teu,
Como a gazella ferida
Que entre as moitas se escondeu.

Não mintas mais, minha louca,
Que emquanto estás a mentir,
Deixo de ouvir tua bôca
Para ler em teu sorrir...

A fonte clara e faceira
Que ao longe vês serpejar,
Queira por bem ou não queira,
Sempre vai cahir no mar:

E como a fonte cheirosa
Busca do mar a amplidão,
Tu has de vir, mentirosa,
Sumir-te em meu coração.

— Recife.

SORRISOS MATINAES

(1868)

Tout aime! tout s'agite en liberté!
— *Gœthe—Faust.*

Riem-se as nuvens no horisonte exparsas,
Correm as garças pelos céos azues:
Succede á noite a matinal folia,
Desperta o dia: — está sorrindo a luz!

Riem no bosque as auras buliçosas,
Nardos e rosas ganham vida e côr,
Pula a graúna no cheiroso galho,
Cheia de orvalho, — está sorrindo a flôr.

Sopra do morro a viração macia,
Quanta alegria a madrugada tem!
O infante ri no maternal regaço,
No azul do espaço — Deus sorri tambem.

Salta espumando a festival cascata,
Sorri a matta, — o verde mar sorri:
Só eu! só eu na minha dôr velado
Choro o passado porque penso em ti!

— Itamaracá.

ASPIRAÇÃO

(1868)

Dieu commence l'artiste et la femme l'achève:
C'est par la passion qu'on devient immortel.

— *Arsène Houssaye.*

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses,
Vivo santelmo do meu louco amor!
Se em teu regaço virginal pouzasses
A minha fronte pallida de dôr;

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses,
Ventura eterna, meu eterno Bem,
Se em tu'alma chorosa enthesourasses
Toda a harmonia que minh'alma tem!

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses,
Alva Maria! e envolta em luz e pejo
Os labios teus aos labios meus juntasses
E unisse as nossas lagrimas um beijo!...

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses
Divina estrella de eternal fulgor!
Se em teus medrosos seios aninhasses
Os meus suspiros humidos de amôr...

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses
Virgem celeste, encarnação da luz,
Se a minha ardente bôca saciasses
Nos frescos lyrios de teus seios nús...

As nossas almas gemeas confundidas
N'um louco abraço, n'um profundo nó,
Seriam n'uma vida duas vidas
Duas auroras n'um levante só!

— Recife.

LAGRIMA FURTIVA

(1868)

Esta lagrima furtiva,
Que em teus olhos vem brilhar,
É que me prende e captiva,
É que me fórça a te amar.

Sou feliz! Vê que contraste!
Sinto, gózo, existo emfim!
— Sou feliz porque choraste
Pois tu choraste por mim...

* * *

QUADRO FLAMENGO (*)

— UM RETRATO —

A J. F. Bastos.

Ella é bella: em seu corpo habita a Seducção:
Tudo n'ella é fulgente, é tudo irradiação!
Sua bôca vermelha, os labios palpitantes
Mostram sempre n'um riso as perolas brilhantes...
O regaço de neve, o seio perfumado
Parece ser do Amor o ninho reservado:
Do seu olhar profundo o languido clarão,
Prende, offusca, incendeia, abrasa o coração!

A fronte d'ella nada em ondas de explendor...
Falta-lhe alguma cousa? Apenas o pudor!

(*) Trad. de Charles Potvins.

ORAÇÃO A' VIRGEM

(1866)

A minha irmã Amelia.

Maria! Os prantos da vida
São raios do teu fulgor,
Tu és a Rosa nascida
Entre os espinhos da dor.

Tu és a loira Esperança
Da morte sobre a agonia,
E's o Iris da bonança,
Oh casta e santa Maria!

Tu és a divina Aurora
De todos que crêem em ti:
Ao peccador dizes: — chora!
Ás criancinhas: — sorri!

És a lampada suspensa
Eternamente a brilhar,
As almas vivem da crença
Que jorra do teu olhar!

Deus poz no mundo a existencia,
Na terra a dor e o tormento;
Deus poz no berço a innocencia
Poz na campa o esquecimento.

E a sombra meiga e saudosa
Que o fragil berço vigia,
É tua imagem fórmosa
É tua sombra, Maria!

O Poder que tudo encerra
Criando o sorriso teo:
— Fez muitas virgens p'ra terra
Mas uma só para o céo!

Um fio do teu cabello
Dos longos cabellos teus:
É como o sagrado elo
Que prende o Universso a Deus!

No teu seio abençoado
Archanjo da redempção,
Chora contricto o Peccado
Ergue-se rindo o Perdão!

— Recife.

BRANCA ROSA

(1868)

Em troca do seu perfume
Quantas saudades resume
E quantos prantos tambem!

— *Cazimiro de Abreu.*

Pendendo a fronte virginal, formosa,
Tremendo toda de infantil receio,
Ella deixou em minhas mãos a rosa
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E disse, em quanto o peito seu gemia
Partido em ancias de amargura e dor:
— « Se desprezares meu amor um dia
Respeita ao menos esta pobre flor. »

D'aquella noite de emoções e festa
D'aquelle instante de virgineo enleio,
Só esta morta e seca flor me resta,
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

Quando minh'alma na feral voragem
Do mundo luta em delirante anceio,
Sabeis acaso quem me dá coragem?
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E quando ás vezes minha boca anciosa
Beija a — lembrança — que me faz chorar;
Sinto entre as folhas da finada rosa
Um labio ardente os labios meus beijar.

E d'entre as cinzas da corolla fria
Sáe um gemido de amargura e dor:
— «Se desprezares meu amor um dia
Respeita ao menos esta pobre flor!»

Por ella esqueço o labutar profundo:
Por ella o facho da esperança ateio:
É mais que a vida e vale mais que o mundo
A branca rosa que adornou-lhe o seio!

Oh! murcha rosa cada vez mais bella,
Que tanta força e tanta luz me dás,
Tiveste o berço no regaço d'ella
E a sepultura junto ao meu terás!

Assim se Deus arrebatar-me á vida
Dizendo ao Anjo ceifador: — colhei-o!
Plantai na terra que me dér guarida
A branca rosa que adornou-lhe o seio!...

— Recife.

CANÇÃO

(HUGO. — 1867)

Desperta: é tempo, formosa,
O dia luzindo vem:
Na hora em que acorda a rosa
Tu não acordas tambem?

Flor dos meus sonhos,
Bebe o meu pranto,
Ouve este canto,
Meu doce bem!

Tudo acorda-te á porfia:
Diz a aurora: vem, oh flor!
A ave: — eu sou a harmonia!
Diz minh'alma: — eu sou o amor!

Flor dos meus sonhos,
Bebe o meu pranto,
Ouve este canto,
Querida flor!

Anjo e mulher, — santa e calma,
Deus que força-me a te amar,
Fez meu amor p'ra tua alma,
Teu rosto p'ra meu olhar!

Flor dos meus sonhos,
Bebe o meu pranto,
Possa este canto
Te despertar!

— Recife

A'QUELLA QUE PARTIO

(1866)

Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel!

— *Soares de Passos.*

No dia em que deixaste o nosso tecto amigo
Em busca de mais bello e mais vistoso encanto,
Eu traguei em silencio as ondas do meu pranto,
Em silencio arrastei a cruz do meu castigo.

Onde iria esconder-me? Achar um novo abrigo,
Doce, puro, tranquillo, encantador e santo,
Que fechasse minh'alma, e tudo, tudo quanto
Eu pudesse salvar do ultimo perigo?

Percorri a alameda extensa e triste e núa
Onde outr'ora meu passo unio-se ao passo teu,
Lá onde tanta vez minh'alma unio-se á tua!

E quando suspeirei baixinho o nome teu,
Cuidei ver-te um momento á frouxa luz da lua,
Beber todo o meu pranto e murmurar:—sou eu!....

—Olinda.

NOITE DE LUAR A BORDO

(1868)

Recordar-se, — consolar-se.
— *A. Herculano*

D'aquella noite de luar, a bordo,
— Horas de amor, de febre e de poesia —
Debalde tento me esquecer, Maria,
Lembro-me sempre, sempre me recordo
D'aquella noite de luar a bordo.

Os nossos nomes confundidos iam
N'um longo beijo recortando o espaço
Da triste lua ao triste raio escasso,
E nas azas das auras que fugiam
Os nossos nomes confundidos iam

Com os olhos fitos na amplidão das aguas
Ambos gemendo de prazer miravamos
O sombrio horisonte, e recordavamos
Passados sonhos e futuras magoas,
Com os olhos fitos na amplidão das aguas.

Ninguem nos vio, — ninguem nos escutava,
Deserto era o convez: na pôa apenas
Curtindo dores e lembrando penas
Do marinheiro a voz o ar turbava.....
Ninguem nos vio: — ninguem nos escutava.

E eu me esquecia a contemplar teus olhos
Perdido ali, — na solidão, — comtigo,
Longe do céo e perto do perigo:
A nossos pés erguiam-se os abrolhos
E eu me esquecia a contemplar teus olhos!

Passava ao longe uma saudosa vela
Que entre nevoas aos poucos se esvahia,
E emquanto o nosso olhar n'ella tremia
As nossas almas iam presas n'ella ....
Passava ao longe uma saudosa vela.

Os juramentos que a tremer fizeste.
Guarda-os do vasto mar o enorme leito,
E eu sepultei-os dentro do meu peito,
Dentro do coração que tu perdeste: —
Os juramentos que a tremer fizeste.

Só, esquecido, abandonado e triste,
Heide de novo, recortando os ventos,
Ouvir da vaga os funebres lamentos
E ver a lua que ha dois annos viste:
Só, esquecido, abandonado e triste!

Ah! que saudades vou sentir, querida,
Quando os espaços perturbar apenas
Lembrando dores e curtindo penas
Do marinheiro a voz enternecida!
Ah! que saudades vou sentir, querida!

Pobre Maria! que tremenda sorte
A tua! e como deve ser penoso
Ver tão perto de ti o riso e o gozo
E em ti sómente o desespero e a morte!
Pobre Maria! que tremenda sorte!

D'aquella noite de luar a bordo
Noite banhada de eternal magia,
Debalde tento me esquecer, Maria:
Lembro-me sempre,—sempre me recordo
D'aquella noite de luar a bordo!.....

—Recife.

CANDURA

(1868)

Teus dias correm suaves,
Bordados de loira luz,
Como o pipillo das aves
Nos horisontes azues.

Tu'alma vai como a prece
Dormir no coxim dos céos;
O dia rompe e ella desce,
Quente dos braços de Deos!

E como o orvalho escondido
Entre os seios d'uma flor,
Brilha teu seio adormido
Nas rosas do teu pudor.

Nada prende os teus encantos,
Teus passos nada detem:
Choras e ris, — e teus prantos
São de alegria tambem.

Que doce existencia a tua!
Que meigo e puro arrebol!
Macio raio de lua,
Ardente raio de sol!

E teu pensamento atôa
Corre, corre sem parar
Como um barquinho que vôa
Na correnteza do mar.

Mas esse encanto profundo
Hade acabar-se por fim,
Quando pensares no mundo,
Quando pensares em mim.

— Recife.

DIA E NOITE

(MIÇKIEWICZ — 1868)

O sol no oriente rutilante brilha
No occaso a lua descambou saudosa:
A luz da aurora acaricia a rosa,
Pezado orvalho a violeta humilha.

Laura á janella surge radiante
E diz: — «Oh! lua que do céo fugistes,
Oh! violeta, porque sois tão tristes,
E tu tambem, meu pensativo amante?»

Esváe-se o dia... A lúa ergue-se linda
A violeta mais cheirosa e bella:
Laura de novo encosta-se á janella
E eu me ajoelho mais tristonho ainda!

— Recife.

ARROUBO

(1866)

Olha-me ainda! Delirante e pallida,
Banha minh'alma n'esse ardente olhar!
Deita em teu seio a minha fronte callida:
Faze que eu possa, que inda possa amar!

Porque tremeste? A viração perdida
Dorme na relva dos vergeis em flor:
Tudo é silencio e tudo falla á vida:
Calla-te e escuta: vai passar o amor.....

Porque tremeste? Solitaria a lua
Vagueia ao longe.... Como és bella assim!
Prende um momento a minha mão na tua,
Quero-te agora mais ao pé de mim.

Ninguem nos ouve... Que tens tu qne tremes?
Porque teu rosto junto ao meu descora?
Tentas sorrir e no sorriso gemes.....
Mas eu que sinto? Porque tremo agora?

Ah! não me digas! Delirante e pallida,
Banha minh'alma n'esse ardente olhar!
Deita em teu seio a minha fronte callida:
Sinto que posso, que já posso amar!

—Rio.

INNOCENCIA

(FRANÇOIS COPPÉE. — 1868)

A Regueira Costa Junior.

Loira, fragil, aeria, innocente,
— Casto lyrio fechado em botão, —
A orphansinha bordava de flores
As muralhas da negra prisão.

Cinco annos apenas! Envolta
Dos andrajos no funebre horror,
Ella enchia de estrellas e raios
A morada do Crime e da Dor.

Ali todos a loira orphansinha
Como um riso de Deus adoravam:
Uns faziam-lhe brincos, e outros
De caricias seus pés alastravam.

E bem como a feral mandragóra
Que nas sombras da forca medrava,
Mais risonha corria a menina
Quando alguma cabeça rolava.

— Recife.

INNOCENCIA

(FRANÇOIS COPPÉE — 1868)

A Guimarães Junior.

Qual um sopro, qual uma alma,
A orphanzinha da prisão,
Nos anneis das aureas tranças
Tem da candura a expressão.

Cinco annos só! Nos andrajos
Fulge-lhe o hombrinho gentil,
A côrte infame se doura
De risos, de olhares mil.

Feliz se julga um forçado
De algum brinco lhe offertar:
O Crime, o Vicio á porfia
Nos joelhos a vem sentar.

Qual mandragóra funerea
Que junto á forca flori,
Ao rolar d'uma cabeça
Mais formosa ella sorri!

— Recife.

REGUEIRA COSTA JUNIOR.

HYMNO ANTIGO

(1866)

A Fernando de Magalhães.

Quando rasgas, oh Sol, as nuvens do oriente
Quando teu sceptro, oh Rei, teu sceptro omnipotente
Nos espaços divide os raios do explendor,
O universo desperta e surge sobranceiro
Calcando a gleba ardente, — altivo, audaz guerreiro,
Que fita a multidão depois de vencedor!

Teu coche flammejante esmaga uma por uma
As noites e a tormenta: assim esmaga a espuma
A cortadora náu nas planicies do mar:
Quando desces do céo a prumo sobre o monte
A Treva espavorida esconde a negra fronte,
E a estrella da manhã mergulha em teu olhar!

As charnecas, a veiga, as campinas molhadas
Pelo orvalho da noite acordam deslumbradas,
Rasgando nos teus pés os lutulentos véos:
O caçador affasta o ramo e presta o ouvido,
O lavrador ensaia o braço entorpecido,
Beija a esposa, o filhinho e lembra-se de Deos!

E tu, gigante ouzado, amparas desde o berço
O problema da vida, a historia do universo!
E mais sublime sempre e com mais resplendor,
Cimentas o edificio e dás vigor ao galho,
Ás aves o gorgeio, aos homens o trabalho,
Ás florestas o rio, aos membros o suor!

Ao teu aspecto, oh Rei, oh grande soberano,
Tudo resurge e luz! O pensador humano
Fustiga a immensidade e quer te acompanhar!
Nos antros da miseria apagas o supplicio,
E aquelle que se entrega á pallidez do vicio
Quando despontas vê que é tempo de córar!

Nada abafa o clarão da tua immensidade!
E teu pé flammejante escala a eternidade
E não esmaga o insecto, o homem sobre o chão!
Abraças o oriente e o occidente abraças!
Por onde a Noite surge, altivo, immenso, passas,
E teu manto de luz arrastas na amplidão!

A criação fecunda é mais bella cada anno:
E o rio ensina ao mar e ao rio ensina o oceano
A voz que os guia e manda, — a palavra fatal:

Como é tranquillo o mar! como é tranquilla a praia!
A vaga azul se enrola, a vaga azul desmaia
Como um beijo de amor em boca maternal!

Oh! segundo universo! Oh! Astro arremeçado
De céos em céos e sempre a novo céo voltado
Gravando no infinito as leis do Creador!....
Quando teu corpo ardente a natureza abraça,
Oh! Sol! suspendes rindo a fronte da desgraça
E dás á mão myrrada a esmola do calor!

Salve! mil vezes salve! A terra aos céos envia
A mais pura e saudosa e casta melodia,
Que a natureza mãe offerta ao rei dos céos!
Quando rompes, oh Sol, as nuvens do oriente
És como um livro immenso em cujo dorso ardente
A mão da Eternidade escreve um nome: — Deos!

Salve no campo e céo! nas ondas e no espaço!
Faisca de luz eterna illuminando o passo
D'Aquelle que se assenta em thronos de arrebol!
D'Aquelle que apalpando a esphera desolada
Inerte e fria, e vendo a massa amontoada,
Abrio a mão na sombra e fez surgir o Sol!

Teus cabellos de fogo as nuvens affagando
Como docel gigante — em tranças mil rolando
Chovem sobre os vergeis e vêm cobrir a flor:
A luz que dás ao berço entregas ao sudario!
E tu que illuminaste o sangue do Calvario
Banhaste o teu olhar no olhar do Redemptor!

Póde o tempo esmagar o bronze e as arcarias!
Lançar por terra o monte, as longas penedias:
E se o mundo extender-se immenso, inculto e nú,
Hade sempre passar atravessando os montes,
Uma sombra, um phantasma abrindo os horisontes:
E esse espectro não morre: — esse phantasma és tu!

Ergue-te azinha, oh Sol! Ás portas do oriente
Rola teu carro d'oiro e o teu corcel nitente
Das crinas solta em febre o matinal clarão!
Eis a hora em que Deus desperta-te no berço,
E erguendo-te, pharol, ácima do universo,
Descobre a fronte immensa e espreita a criação!

— Rio.

CANTIGA EM NOITE DE LUAR

(1863)

Marilia, escuta
Um triste pastor.

— *Lyra de Gonzaga.*

Amemos! Tudo desmaia
Do tempo aos beijos fataes,
A vaga lambe uma praia
E n'outra alem se desfaz:

Amemos! que a mocidade,
Querida, não volta mais!

Chove a neve e cobre o monte
O inverno sucede á paz:
Morre a planta, secca a fonte,
O tempo a velhice traz:

Amemos! que a mocidade,
Querida, não volta mais!

O musgo nasce e se agita
Da brisa aos nocturnos ais,
Cresce, cresce a parasita
Cáe o tecto dos cazaes: —

Amemos! que a mocidade,
Querida, não volta mais!

Escuta a voz dolorida
Dos meus harpejos mortaes:
Meus cantos são minha vida
Minhas canções são meus ais:

Amemos! que a mocidade,
Querida, não volta mais!

O vento passa gemendo
Nos leques dos palmeiraes,
E vai rolando e morrendo
Pelas sylvas e rosaes:

Amemos! que a mocidade,
Querida, não volta mais!

— Nuvem pallida e sombria,
Que entre os morros expiraes,
Andorinha fugidia,
Brisas de céo que passaes,

Ide dizer a Maria
Que o tempo não volta mais!

— S. Paulo.

INVOCAÇÃO

(LAMARTINE — 1868)

Oh! tu, anjo de luz, — miragem santa e calma,
Filha augusta do céu, visão do sonhador;
Tu que fazes brilhar nas noites de minh'alma
O astro do teu amor;

Diz-me, ah! diz-me o teu nome e em que lugar se encerra
Teu berço.... Ergue-te emfim sem nuvens e sem veus:
Nasceste entre os mortaes? serás filha da terra,
Ou és a encarnação d'um suspiro de Deus?

Ao romper da manhã descambarás, estrella?
Irás, ave de amor, esconder-te em teu ninho
Zombando da procella?
Ou calcarás ainda o pó d'este caminho
Envolta em luto e tedio e desespero e dor!?
Oh! sombra! oh! mytho, oh fada, oh! flor desconhecida,
Dá que eu possa a teus pés derramar minha vida,
Meu culto e meu amor!

Se teu ser é sugeito á foice do destino,
Ah! consente que eu siga o teu corpo divino
E beije os passos teus, sublime cherubim!
Mas se tens de voltar aos céos de que partiste,
Não te esqueças d'aquelle a quem por dó sorriste:
Recorda-te de mim!

— Recife.

VERSOS A UM ANJO

(1868)

A toi! toujours à toi!
— *Hugo.*

Quando eu te vejo minha mãi contemplo:
Brilham seus olhos no teu doce olhar:
Sois dois Archanjos em um mesmo templo,
Dois Evangelhos em um mesmo altar.

Quando tu fallas cuido ouvir, formosa,
Os labios d'ella n'um sorriso em flor:
Sois duas auras n'uma mesma rosa,
Ou duas lyras a vibrar de amor!

Quando tu rezas, tentadora e calma,
Vejo-a! em vós ambas bate a mesma luz:
Sois duas vidas rezumindo uma alma,
Sois os dois braços d'uma mesma cruz.

Tu edificas meu futuro, e ella
Deu-me o passado nú de angustia e dor:
Sois os dois raios da mais alva estrella,
As duas phases do mais casto amor!

Foi nos seus braços que meu ser exangue
Banhou-se em ondas de ternura e fé:
Mas ah! por ti eu verterei meu sangue
E as crenças todas do passado até!

Quando eu te vejo minha mãi contemplo:
Brilham seus olhos no teu puro olhar:
Sois dois Archanjos em um mesmo templo,
Dois Evangelhos em um mesmo altar!

— Recife.

O VAGALUME

(CANÇONETA. — 1865)

A Yayá L.

Foste brilhar longe, longe,
Longe, longe te perdeste:
Rasgaste as azas no espinho,
Sem luz, sem azas morreste ...
— Que vale a vida? — um perfume...
Um ai! a vida resume,
Vagalume, vagalume.

Se brilhasses perto, perto,
Perto, perto viverias:
Ao pé da gruta e das fontes,
Da rosa e das melodias!
— Lume da noite! aureo lume,
Bebeste o fel no perfume,
Vagalume, Vagalume.

Aqui tens as azas tuas,
Sem mais fogo e sem mais côr!
São duas folhas rasgadas,
Duas lagrimas de amor...
— Que vale a vida? um perfume,
Um ai! a vida resume,
Vagalume, vagalume.

Veio a noite: abriste o vôo
Da noite na solidão:
Pobre phalena d'um dia,
Cegou-te a luz da paixão.
— Lume da noite! aureo lume,
Bebeste o fel no perfume,
Vagalume, vagalume.

Toda a noite, a noite toda
E mais um dia tambem,
Disse a brisa: — elle não volta —
Disse a planta: — elle não vem!
— Que vale a vida? um perfume,
Um ai! a vida resume,
Vagalume, vagalume.

A noite estava tão fria!
Tão frio e triste o luar!
A viração mal serzia
As quietas vagas do mar!
— Lume da noite! aureo lume,
Bebeste o fel no perfume,
Vagalume, vagalume.

Onde foste, ó mensageiro,
Teu pharolzinho apagar?
Meiga perola da noite,
Onde te foste quebrar?
— Que vale a vida? um perfume,
Um ai! a vida resume
Vagalume, vagalume.

E tu partiste... e morreste!
Luz alada — alada flor!
Prendeu-te as azas a morte,
A morte, a morte de amor!
— Lume da noite! aureo lume,
Bebeste o fel no perfume,
Vagalume, vagalume.

Hoje tudo está deserto,
Silente, calmo e sem luz,
Vai crescendo a parasita,
Uiva o cão ao pé da cruz,
— Que vale a vida? um perfume,
Um ai! a vida resume,
Vagalume, vagalume.

O grillo canta nas cinzas,
O vento abala a vidraça,
Passa o vento, passa a noite,
Passa o dia, — a vida passa!
Lume da noite! aureo lume,
Bebeste o fel no perfume,
Vagalume, vagalume.

Que foste fazer tão longe
Tão longe, longe de nós,
Exposto á noite e aos furores,
Da ventania veloz?
— Que vale a vida? um perfume,
Um ai! a vida resume,
Vagalume, vagalume.

Volta, oh! volta — tudo é morto!
Tudo, tudo já morreu.....
Nem ha mais cantos na terra,
Nem mais estrellas no céo,
— Lume da noite! aureo lume,
Bebeste o fel no perfume,
Vagalume, vagalume.

Cáe o ninho.... os fructos seccam....
O rio carrega a flor.....
E nós! morremos chorando
O nosso primeiro amor!
— Que vale a vida? um perfume,
Um ai! a vida resume,
Vagalume, vagalume.

MONT'ALVERNE

(1866)

Tel que ces pics, où monte un flot d'ombres funèbres,
Son crâne etait semé d'éclairs et de ténèbres,
Qui rendaient à son gré le ciel terne et serein.

—*Eugène Villemin.*

A multidão é muda: o templo immenso
Como a campa d'um mundo, exhala apenas
O longo, ardente e tremulo respiro
D'um milhão de fieis. Calou-se a orchestra,
Quêda-se o orgão: — a abobada sombria
Da casa do Senhor ampara as preces,
Que sóbem como o incenso e envia-as castas.

Ao seio do Infinito.
Os cyrios ardem,
E um véo medonho de tristeza e morte
Envolve o altar e o templo . . . . Os olhos fitos
Na vazia tribuna anciosos tentam
Rasgar o espaço, que os affasta ainda
Do prophetá de Deos!
Emfim! Nas sombras
Uma sombra se eleva; sombra augusta,
Que do burel resurge como a aurora
Nas trevas rebentando: como a Idéa,
Que alenta a vida, que dá vida a um Mundo!
Curvam-se todos, todos tremem, arfam,
Buscam, esperam.... Um pavor ignoto
Espalha-se na Egreja: o altar, a imagem,
A cruz n'um mar de auréolas se banham.
D'onde brota essa aurora? D'um propheta!
Tanta luz d'onde vem? Do olhar d'um cego!
—Mont'Alverne na terra e Deus no Eterno!
Cego! Na fronte vasta, altiva e nobre,
O dedo do Senhor gravára a idéa!
Se a mão da Providencia a luz nas palpebras
Apagou d'uma vez, se das pupillas
A chamma activa se atufou nas sombras,
É que o fadára Christo, é que o fadára
A lei divina a percorrer a terra
Sem o pó conhecer! É que elle via,
Ouvia, amava, os mundos presentíra
Sem ver aonde os dedos seus tocavam!
Era alma, era alma só! Luz, genio, estudo!
Alma sublime, encarcerada, oppressa
Nos mundanos grilhões! Elle era o raio,

Que as trevas fustigava,—era o estandarte,
Que á frente sempre das fileiras ia
Mostrar o rumo ao viajor perdido!

Quando da cella ao pulpito voava
O templo inteiro estremecia como
Se o coração da Egreja ás claras ondas
D'esse novo Jordão sentisse o sangue
Mais potente correr! e os impios tremulos,
Viam dos labios d'elle, envolto em phrases
Cahir o raio, da verdade o raio,
Que nas azas do Verbo ardente e eterno
O erro fulminava!

Mont'Alverne

Sublime cego! Apostolo sublime!
Sim! não devera o teu olhar perder-se
Nas miserias humanas! Em tua alma
Deus habitava e o verbo teu banhava-se
Na voz do Redemptor antes do pulpito
Voar tremendo abalroando os mundos!

Gloria ha no campo em que as phalanges tombam
Sob o gladio de Cesar! É sublime
Prender ao dorso dos corceis pujantes
O porvir e a victoria! É grande a espada,
Que em Marengo vibrou e que brilhando
Em Austerlitz e fulgindo sempre,
Ebria de gloria mergulhou os cópos
E a lamina quebrada nos abysmos
Do campo de Waterloo! É nobre, é certo!

Gloria é lançar ao mundo as folhas fulgidas
Da fulgida epopéa! É n'um só nome
Amontoar mil seculos! É n'um sopro
Formar o alento d'um milhão de povos!
Gloria é rasgar o espaço luminoso,
Pairar na Eternidade e sobre o mundo
Deixar cahir espheras, astros, raios,
Como syllabas de luz de polo a polo
Recordando o universo: — Homero, Klopstok,
Milton e Dante e Tasso e Eschylo e Sophocles!
É santo o esforço que produz a penna:
É bella a idéa que conduz a espada!

Mas tu, levita, és mais do que um poeta,
Um philosopho, um genio: és como a sombra
A sombra eterna do Senhor dos mundos,
O phantasma de Christo abrindo os braços
Ao peccador e ao justo, ao rico e ao pobre,
Ao pequeno e ao grande, e em voz serena
Chamando ao seio da oração, do allivio
Os naufragos da sorte! Isto é que é gloria!
A espada é o coração, o grito a prece,
O fumo o incenso, o escudo o altar de Christo,
E o sangue o pranto que o peccado lava!

Erguem-se ás vezes da mundana argilla
Venenos e miasmas, como se ergue
Do chão das campas labareda impura,
Que açoita os ares e nos ares morre...
Tal d'entre os impios, vis demolidores

Das doutrinas mais santas! Renegados,
Que embalde tentam derrocar do Gólgotha
A cruz da Liberdade, erguem-se brados,
Imprecações malditas, — vozes lugubres,
Mortas em vida e de miseria eivadas!

N'essas frageis muralhas o teu verbo
Como gladio de fogo se enterrava
Nos combates da idéa! Santo Apostolo,
Luzeiro da verdade! As mudas folhas
Do Evangelho inda marcam o vestigio,
Que tuas mãos deixaram: — na tribuna
Vê-se inda immovel tua sombra immensa!

Ancora etherea que no mar sereno
Das doutrinas de Deus prendeste á margem
A barca dos Apostolos! Ninguem pôde
Ouvir-te a voz sem procurar nas nuvens
A porta do Infinito! Ninguem pôde
Deixar de crer em Deus quando ensinavas
Lettra por lettra as paginas gigantes
Dos poemas da Egreja! Ao teu aceno
As frontes se dobravam.... Grande, altivo,
O teu aspecto, martyr, o teu porte
Elevava-se aos céos tal como o cedro
A cuja sombra augusta, excelsa e limpida,
Vinham em bandos, — desgraçados, pobres,
O peccado e a virtude, o mal e a angustia,
Almas feridas, corações exhaustos,
Ganhar nova existencia, ouvir-te os hymnos

Sorver o aroma que roubaste aos Anjos!
O Redemptor de bençãos coroava
Tua fronte serena e calma e liza
Como os espelhos dos tranquillos mares!
O Senhor dos exercitos se acaso
Via errabunda a multidão esqualida
Sem abrigo e sem pão, lançando aos ares
Imprecações e gritos, — mergulhava
A mão no espaço e vinha despertar-te
No silencio do claustro aos pés da Biblia.
« Vai! Tuas vozes, teu amor, teus rogos
Corram de zona em zona e a turba errante
Chamem ao templo, aos pés dos meus altares:
Falla! » A tribuna abria-se e um vulto
Surgia como da mudez das campas
O espectro do passado. E qual se um manto
Cingisse inteiro a multidão compacta,
Vinha o silencio da mudez dos tumulos
Cobrir o templo e os homens... Mont'Alverne
Era o enviado ás tribus, era a idéa,
Pensamento de Deus baixado á terra
Penetrando n'um claustro e após surgindo
Das sombras d'um burel. — Propheta d'alma!
Tu foste o Livro em cujas folhas puras
A religião de Christo eternisara
As doutrinas mais santas, onde o povo
Contricto vinha decorar as maximas,
Que teu labio ensinava.
Onde teus carmes,
Poeta-rei! Acaso a humanidade
Perdeu-te? É certo que partiste a fronte
Contra a pedra dos tumulos? Teu craneo

A terra occulta? e os vermes no silencio
No mysterio e na morte despojaram
O corpo teu e os ossos nús alvejam,
Quedos e frios na sombria terra?
É certo sim. A lei divina e eterna
Baixou sobre o teu corpo e os restos caros
Dormem envoltos no fulgor da gloria
Sob a lapida funerea!
Estrella d'alva,
Que o norte sempre ás multidões mostraste
Nas vorazes tormentas! Mensageiro
Enviado dos céos! Pomba querida,
De cujas azas brancas e diaphanas,
O orvalho, o aroma, o balsamo cahiam!
Bem como um sonho que se esváe nas lagrimas
Sumiste-te na bruma, — abalroaste
A fronte d'oiro no feral sepulchro!

Era pequeno o espaço em que vagavas:
O oceano ás nuvens salta, as praias rompe
E a terra treme de pavor sentindo
As entranhas feridas. Quem pudéra
Sondar o oceano do teu craneo, as ondas
De teu fundo pensar? O mundo absorto
Ouvindo-te, pasmando, recolhia
No seio exhausto a vida, o pensamento,
Que em turbilhão lançavas, evitando
Fitar o oceano em que encontrara as perolas!

Aguia altaneira! A tempestade escura

Tentou rasgar-te o vôo! Sobre os cimos
Pairaste um'hora e após mais gigantesca
Açoitaste a amplidão! Embalde as nevoas
Em columnas se erguiam! sempre ouzada
Ias cortando os plainos do infinito!
Quem se arrojara em teu caminho? O oriente
Quando passaste illuminou-se: a terra
De floco em floco evaporou-se ao longe...
Só, ias só! Ninguem seguir-te ouzára:
Nem tua sombra!
Ancioso, exhausto, morto,
Chegaste enfim! E tu que o mundo inteiro
Arrojaste a teus pés; tu que n'um gesto
As multidões prendias.... Nuvem d'oiro
Nos céos te evaporaste.....
Oh! se isto é morte
A morte é o sol da campa! — Anjo indisível,
Tu não morreste, não! Homem, cahiste,
Genio voaste, — Martyr resuscitas:
— Morres na campa e vás surgir em Deus!

Archanjo-rei! Deu-te o universo um tumulo,
Um epitaphio eterno que atravessa
De polo a polo o mundo onde se eleva
Ao pé da Cruz a Biblia!
O sol mergulha
Nas rubras vagas e ergue-se mais fulgido
Quando das vagas surge... E a tua imagem?
E o nome teu? Succeda o dia ao día,
A noite á noite, os seculos aos seculos,
Do tempo as rodas rolarão sombrias

Por cima do teu nome, qual do oceano
No dorso escuro as impotentes frotas!
Pedra por pedra as ambições derrubem
Os altares e o templo....
Em vão! teu nome
Deus estampou n'um beijo sobre a fronte
Do velho Christianismo!
Em vão! teu nome
De edade a edade vibrará profundo
Como a alma d'um seculo: immenso, enorme,
Bem como a cruz em cujos braços negros
Tu te cazaste á Eternidade e á Gloria!

— Recife.

SERENATA

(1868)

Noite assim tão viva e clara
Rompe os mysterios do amor:
Pára!
— Pára e escuta, trovador!

Dos céos na limpida télla
Fulge a deusa do explendor.....
Véla!
— Véla e espreita, sonhador!

A aragem fugaz e solta
Desperta os bosques e a flor...
Volta!
— Volta o barco, remador!

O meu ouvido recolhe
Na sombra um vago rumor...
Colhe!
— Colhe as azas, meu amor!

— Olinda.

TARDE DE OUTUBRO

Que se passait-il dans nos âmes?
Amour! Amour!

— *V. Hugo.*

Foi n'uma tarde de Outubro,
Tarde de nuvens saudosas:
Na terra um cheiro de rosas:
O horisonte rubro!

Apenas malva singella
Do seu regaço nos fólhos:
No chão cravados seus olhos
E meus olhos n'ella!

A aragem lasciva e callida
Os nossos ais afinava,
E eu medroso a contemplava:
Tão bella e pallida!

O ninho em socego; — o arbusto
Humido já de sereno;
No seu regaço moreno
O segredo, o susto!

A varzea isolada, nua,
Na terra um echo tremente:
O sol a cahir no poente,
No levante a lua!

Era o instante da saudade!
Ella pendida a meu braço:
As nossas almas no espaço.....
Que felicidade!...

Da natureza o rumor,
O ai, o sopro, o gemido,
Tinham só um só sentido:
Era amor! amor!

As frias azas dos ventos,
A agreste e furtiva briza
Arrebataram, Luiza,
Nossos juramentos!

D'aquelle incanto indizivel
Tento esquecer-me n'est'hora:
Cruel martyrio, senhora,
Não! não me é possivel!

—Rio.

O TEU AMOR

(1866)

—Qui donc es-tu, blanche étoile?

H. Murger — Ballades.

É teu amor a doce estrella d'alva
O brando aroma de escondida malva
Em seio virgem que inda mal rompeu:
É teu amor a rola da esperança,
A branca, a meiga, a lyrial criança,
Que a terra emballa, e vai dormir no céo.

É teu amor o pecego suave,
Occulto ás garras virginaes d'uma ave,
Que liba o aroma e foge ao ver a flor!
Na fresca sombra da floresta a aragem
Debalde espalha o pinheiral selvagem:
A ave medrosa é o meu medroso amor.

É teu amor um véo de aereas gazas,
A sombra esquiva de orvalhadas azas
De mudo lago no subtil clarão:
É teu amor a lagrima queixosa,
Que chora o orvalho nos botões da rosa,
Que chora a rosa aos ais da viração.

É teu amor o languido gemido,
Que á tarde exhala o sabiá ferido
E esvae-se em prantos na amplidão do ar:
É teu amor um beijo de Moema,
As lettras d'oiro, o mystico poema,
Que Deus entorna sobre o azul do mar.

É teu amor o som molle e pausado
D'um remo n'agua: o canto enamorado,
Que envia á Noite a voz do pescador!
Mais pura ainda que o sabor d'um gozo
Os flebeis ais d'um violão choroso,
És tu, bemdita encarnação do amor!

É teu amor a nuvem cor de rosa,
Que paira, paira e vai morrer saudosa
Fitando a terra e a vastidão do mar:
Ah! ver-te pallida, muda, pensativa,
E ouvir ao longe os ais da Casta Diva
Ao som da flauta em noite de luar!....

É teu amor a esphera azul e calma
Onde irradia explendida tu'alma,
D'onde me estendes compassiva a mão:
É meu amor a prece ardente e louca,
Que molha as faces, illumina a boca,
Suspende a fronte e eleva o coração!

E' teu amor um mundo de harmonia
Onde campeia o nome teu, Maria,
Virgineo e limpo do mais tenue véo!
—Urna divina de divino encanto,
Foi teu amor que enthezourou meu pranto,
Gota por gota e o derramou no céo!

—* * *

A' MEMORIA D'UMA CRIANÇA

(1869)

Eu quiz trazer-te a flor bemdita e pura
Da mais casta saudade, em teu jazigo,
Debruçado na tua sepultura,
Anjo! um minuto conversar comtigo.

Tantas fezes porém minh'alma encerra,
É tão pesada a cruz do meu castigo,
Que eu tenho medo de manchar a terra
Onde encontraste o derradeiro abrigo.

— Recife.

MATER

(1867)

Oh! l'amour d'une mère, amour que nul n'oublie!
— *V. Hugo.*

Tu que soffres talvez, Mulher idolatrada,
Bella estrella de amor, visão deslumbradora,
Tu em cujo regaço a Castidade mora,
Mãe! mil vezes feliz! mil vezes adorada!

Tu que envias de longe a sombra fatigada
Para guiar-me a vida e os passos hora a hora,
Tu, meu casto Ideal! Miragem seductora,
Onde eu pouzo chorando a fronte extasiada:

Na noite mais profunda e triste da saudade
Vem rasgar de minh'alma os tenebrosos véos,
Vem cobrir de orações a louca mocidade!

Nas azas do teu beijo irei voando aos céos,
E levarei, oh Mãe, teu nome á Eternidade
Como um grito de amor que vai perder-se em Deos!

— Recife.

A BALLADA DA FLOR

(1865)

A Baptista Guimarães.

— Queres seguir-me? Eu te offerto
Os sonhos do coração...
— D'onde tu vens? — Do deserto
Das urzes da solidão:

Vivo sòsinha vagando
De planta em planta levando
Os prantos da criação:

Queres seguir-me, formosa?
Disse a rosa:
— Seguir-te... não quero, não.

Sumiu-se o sopro encantado:
Sumiu-se o canto magoado
Dos genios da solidão.

— Amo-te! Quero em teu seio
Viver de aromas, oh flor!
Que susto, — diz-me: — que enleio
Turbou-te o regio fulgor?

Eu sou o vento das noites,
Da tempestade os açoites
Da primavera o terror:

Abre-me os seios, formosa,
Dá-me, oh rosa,
A primavera do amor.

O vento foi se affastando
Nas frias garras levando
O cadaver d'uma flor.

Desceu a noite, e quando a noite veio,
Bem como a queixa d'um ferido seio,
Vinha de volta a brisa do sertão:
Por despedida quiz passar no campo,
E á varia luz de incerto perylampo
Buscou a rosa, mas buscou-a em vão.

— Ouve-me, escuta-me, rosa.
Sou eu, minha irmã, sou eu:
Queres seguir-me, formosa?
Mas a rosa,
Mas a flor não respondeu.

— Recife.

O POEMA DO PESCADOR

(1868)

Rêvez! chantez! soupirez!
— *George Sand.*

Amada minha, fujamos
Deste mundo enganador,
Que em nossos olhos levamos
O mundo do nosso amor.

Tudo aqui minh'alma aterra:
Fujamos, encantos meus!
Seremos longe da terra
Mas muito perto de Deus.

Já vem luzindo a alvorada
A aurora rompendo vem:
Ah! fujamos, minha amada,
Que não nos segue ninguem.

Dos teus cabellos no manto
Nos longos cabellos teus,
Levarás todo o meu pranto
E todos os beijos meus.

Fujamos, amada minha,
O dia póde romper:
Inda é madrugadinha
Mas não tarda a amanhecer.

Quantas rosas ha no espaço!
Querida, vem respirar:
Ah! cruel! é teu regaço
Que está perfumando o ar!

As estrellas vão fugindo
Das nevoas por entre o véo,
A manhã ja está bulindo
Nos cortinados do céo.

Minha amada, oh! minha amada,
Minha vida, meu prazer,
Que bonita madrugada!
Que saudoso amanhecer!

Fujamos, é tempo agora:
Não ha sombra de ninguem!
Quando o sol estiver fòra
Estamos longe tambem.

As aves cantam baixinho,
Medrosa calou-se a rã,
Na sombra enrubece o ninho
Ao doce olhar da manhã.

A vaga terna e macia
Palpita de inquietação:
Como essa vaga, Maria,
Palpita o meu coração.

Tu irás, amada minha,
Sem medo encostada a mim:
No leme da jangadinha
Já botei um seraphim.

Nós tres, sorrindo e cantando
Das agoas na limpidez,
Iremos todos amando
Iremos sonhando os trez!

E emquanto do dia a barra
Doirar os morros de além,
Eu cantarei na guitarra,
E tu chorarás, meu bem!

Sabes tu, pallida amante,
O céo em que vás fulgir?
Sabes tu, pomba arquejante,
O ramo em que vás dormir?

Vás dormir no verde ramo
D'um arvoredo sem par:
Onde o vento diz: — eu te amo!
E o matto põe-se a fallar!

É lá que a sorte adorada
As almas une e bemdiz:
Serás feliz, minha amada,
E eu tambem serei feliz!

Que festas! que luz! que encantos!
Que puro e bello porvir!
Os nossos olhos sem prantos!
As nossas bocas a rir!

Ahi é que tu, Maria,
Casarás com teu cantor:
Será madrinha a Poesia,
Será convidado o Amor.

Lá tu'alma abençoada
Pendente dos labios meus,
Viverá desabrochada
Bebendo os risos de Deus!

A flor dirá: — que ventura
Os olhos d'elle contem!
O céo dirá: — que ternura
Nos olhos d'ella tambem!

Teus negros olhos banhados
De extranho e vivo fulgor,
Serão dois astros cravados
No firmamento do amor.

Já vejo a nossa jangada
Cortando o espaço sem véu,
Como a gaivota assustada
Que o caçador surprendeu.....

Eu sei que o mar tem abrolhos,
Qu'importa abrolhos do mar?
Barco que leva teus olhos
Não tem medo de afundar.

O terral enfuna a véla
Que a jangadinha conduz:
Vamos perder-nos, oh bella,
Pelas lagôas azues!

Maria, o instante querido
Pouco tarda a nos deixar:
O sol calçado e vestido
Já poz o olho no mar.

O loiro arcanjo do leme
De cansaço adormeceo:
A vaga na areia geme
E o terral esmoreceo.

Amada minha, não queres
Que eu seja feliz por ti!
Pois esta terra preferes
Ao mundo que eu descobri?

A jangadinha erradia,
Que não quizeste acceitar,
Tinha o teu nome, Maria,
Para ser feliz no mar.

Lá vai ella atravessando
A correnteza veloz:
Quem ao longe vai cantando?
D'onde é que parte essa voz?

— «Eu sou o Amor: não ha nada
Que a meus sonhos ponha fim:
Quem quizer vir na jangada
Ha de ser igual a mim.

Eu sou um astro perdido
Que vaga em busca dos céos;
Sou das almas o escolhido
E o predilecto de Deos!

Virgem, anjo, formosura,
— Esquivo botão de flor,
Deixas fugir a ventura,
Deixando fugir o amor! »

— Olinda.

NO'S DOIS

(1869)

Hélas ! le bonheur est si court !
— *Th. de Banville.*

Nós dois perdidos ao luar, teu seio
Bem conchegado a mim .....
O sussurro do bosque, o puro anceio
D'aura medrosa, o fugitivo aroma
Da rosa e do jasmim;
Uma estrella que foge, — outra que assoma:
Gottas de orvalho a resvallar da alfombra
No tremulo setim;

Um longo beijo, a protectora sombra,
O espaço calmo; dos chorosos ventos
Os murmures sem fim...
Corinna! eu tenho d'esses pensamentos,
Tenho sonhos assim!

— A bordo.

TRES CARTAS D'ELLA

Celui qui fit ces vers n'était pas un méchant.
— *Charles Monselet.*

Ha um momento em que minh'alma anciosa
Foge da terra pelos céus voando,
É quando eu abro a folha côr de rosa,
A carta que ella me escreveu brincando.

Ha um momento em que meu ser se aparta
Do céu, envolto n'um pezar infindo,
É quando eu beijo a machucada carta,
A carta que ella me escreveu partindo.

Ha um momento em que minh'alma inteira
Lutta nas trevas d'um supplicio horrendo;
É quando eu leio a phrase derradeira
Da carta que ella me escreveu morrendo.

— * * *

A CORINNA

(1869)

Tudo é tristeza ; — tudo por ti chora,
Chamando em vão por ti.

— *Dr. Bernardo Guimarães.*

Se eu me lembro de ti ! ? Esquece acaso
A planta o orvalho que alentou-a um dia ?
Esquece o labio a gotta de ambrosia ?
Esquece a essencia o alabastrino vaso ?

Esquece o bosque as virações serenas ?
Esquece a face a lagrima cahida ?
Esquece a pomba, no areal perdida,
O manso lago em que banhou as pennas ?

Esquece a corça a avelludada alfombra?
Esquece a alma o ultimo desejo?
Esquece a boca o perpassar d'um beijo,
E póde o corpo se esquecer da sombra?

— Recife.

O CAVALLEIRO OLAF

(H. HEINE — 1869)

Ao Dr. Henrique Mamede

I

Eil-os junto á capella os dois homens — são dois:
Rubro manto os envolve. Um é rei, outro algoz.
Diz o rei ao carrasco: « Eil-o emfim! eis o instante:
Examina o teu braço e a lamina brilhante. »
O campanario vibra, o som do orgão vôa,
A subtil multidão da capella se escôa.....
Pelo meio do povo os noivos vão passando
E um funebre cortejo os vem acompanhando.

Ella, — a filha do rei, muda, abatida e fria,
Caminha tristemente, e contempla sombria
Olaf; Olaf, o noivo, Olaf, o cavalleiro,
Cuja fronte está calma e cujo olhar fagueiro
Bello e nobre fulgura... Ao rei medonho e irado
Diz o noivo: — Oh meu pai! eis o instante aprazado
Em que a fronte de Olaf do tronco decepada,
Vai rolar a teus pés sangrenta e mutilada!
Eu sei que é hoje, eu sei! mas deixa-me viver
Só até meia noite... E' tão triste morrer
No começo da festa! Ah! por Deus! um instante!
Um momento de amor! de gozo delirante!
A dança, o prazer, o vinho, a loucura veloz!
E á meia noite, oh rei, manda que venha o algoz.

E o rei diz ao carrasco: « Ao lugubre signal
Da meia noite traz teu cutello fatal ».

II

E emquanto Olaf esgota o phalerno espumante,
Ella geme e comprime o seio agonisante!
Mudo, o carrasco espera á porta do salão.
Começa o baile, a dança, o fugaz turbilhão
Da walsa! Olaf arrasta a noiva desmaiada,
E ella vai como a rosa, a folha arrebatada!
Hirta, louca, arquejante, exanime e sem voz!
Junto á porta da sala está esperando o algoz.
E a musiça resôa! E todos ali quantos
Assistem ao festim, dizem por entre prantos:
« Tão formosos, gentis e desgraçados são! »

E o algoz sempre de pé á porta do salão.
Aos sons da orchestra infrene: — Oh meu querido amor,
Murmura Olaf, e eu hei de supportar o horror
Da morte! só! na terra!? Ah! que supplicio atroz! —
E na porta da sala está esperando o algoz.

III

« — É meia noite, Olaf! Eis a hora aprazada!
E já que innodoaste a fronte immaculada
D'uma virgem real, será o teu castigo
Sepultares teu gozo e o teu amor comtigo. »
Os monges dão começo ás preces da agonia:
Torna-se escuro o céu, fóge a lua erradia.....
Desce Olaf ligeiro os degráos das escadas:
Vem de tochas cercado e cercado de espadas.
Com um sorriso na boca e o rosto illuminado:
— Oh sol! exclama, ch lua! oh astro abençoado
Do meu céu venturozo! Oh! murmurios suaves
Do oceano, do vento e das peregrinas aves!
E vós, violetas, vós cuja côr azulada
São como a côr azul do olhar da minha amada,
Eu vos bemdigo e chóro! Olhos santos, queridos,
Olhos de minha noiva, acolhei meus gemidos
Meu suspiro final! E tu, aeria trança,
Do bosque a cuja sombra, oh pallida criança,
Os meus labios crueis mancharam labios teus,
Ah! recebe minh'alma! Ah! recebe este adeus!

— Rio.

A' BEIRA DA ESTRADA

(1867)

— Tu onde vás, Beatriz?
Diz.

— Não falle tão alto não:
Vou ver se vejo a Maria,
Que esteve mal todo o dia
Não falle tão alto não.

— Coberta assim de rubor,
Flor?

— Meu senhor, por Deus do céu!
Quem aqui está não lhe engana:
Olhe... vou ver a Joanna...
Meu senhor, por Deus do céu.

— Teu labio mentindo está,
Má!

— Não diga nada a ninguem:
Vou fallar com meu amante,
Mas volto já n'este instante:
Não diga nada a ninguem.

— Recife.

ULTIMO ADEUS

(1869)

Á J. C.

O never! never more!
— *Pope.*

Quando teus olhos molhados
Do pranto da despedida,
Quando teus olhos, querida,
Fitarem o mar e os céus,
Na vaga mais fria e triste
Que echoar a teus ouvidos,
Irão todos meus sentidos
Irá meu ultimo adeus.

Irá minh'alma invisivel,
Minh'alma perdida e louca,
Beijar-te a chorosa boca
Beber os soluços teus;
Na aragem que a terra ainda
Banhar de aromas queridos,
Irão meus sonhos partidos
Irá meu ultimo adeus.

Ultimo sim! No momento
Em que me achar isolado,
Sem ti — amor do passado —
Sem ti protecção de Deus,
Hei de ter força bastante
Para enviar-te aos ouvidos
Meus derradeiros gemidos
No meu derradeiro adeus!

—Recife.

NEMESIS

(1868)

Varrida, emfim! varrida estás da minha mente!
Seja bemdito o céu e Deus que não consente
A crença ao pé do mal, ao pé da serpe a flor!
Seja bemdito Deus, seja bemdito o amor,
Que não cegou de todo o infeliz tresloucado,
Que em teus labios bebera o filtro condemnado!
Emfim! nobre, orgulhoso e contente me exponho
D'uma quadra melhor ao despontar risonho.....
Meu pulso livre está! Meu ser liberto e altivo
Calcando a terra em flor póde exclamar: — eu vivo!
E agora que recebo a intensa claridade

De todo o firmamento, e sei que a liberdade
É a vida, o mar, a terra, a eternidade, o espaço;
E agora que estas mãos sem ferros nem cansaço
Podem cingir sem medo a mão mais alva e pura,
É que eu vejo, é que eu sondo a negra sepultura
Do teu medonho encanto e d'esse horrendo amor,
Onde vivi sem vida um seculo de dor!

Varrida! emfim varrida estás da minha ideia!
A teus pés arremeço os anneis da cadeia,
Que prendeu meu destino aos olhos teus, traidora!
E esta penna com que tracei-te o nome outr'ora,
Em lodo, em fél, em sangue, em lagrimas molhada,
Lanço-a longe de mim que está envenenada!

—* * *

AO SOM DA VIOLA

(1865)

Ainsi chante au soleil la cigale dorée
— *A. de Musset.*

Ai! fujamos d'estes ares
D'este clima e desta côrte!
Ha tantos sertões no norte,
Ha tanta flor no sertão!
As florestas rumorejam,
Os vagalumes adejam
Da lua ao frio clarão:
Um rio o monte retalha,
Uma só casa de palha
Domina toda a extenção!

Ai! vamos viver de encantos!
Vem ver quanta liberdade
Te rouba o ar da cidade
Te entrega o céo do sertão:
Ai! quantas manhãs cheirosas!
Quantas sylvas, quantas rosas,
Quantos perfumes no chão!
Na gramma a palha d'um ninho
A penna d'um passarinho
Eu e tu e — a solidão.

...eis da cau...

Has de ouvir talvez chorando
Os meigos sons da viola,
Tristes como os ais da rola
Do matto na escuridão:
Ah! que saudades, querida,
Quanta lagrima esquecida
Não choraremos então!
E quanto amor, quanto medo
Prendendo um mutuo segredo
Nas azas da viração!

Ai! vamos viver bem longe,
Longe do engano e do mundo,
N'aquelle exilio profundo,
Nos braços da criação:
Foge ao clima em que te abrazas,

Vem abrir as tuas azas
Aos ventos da solidão;
Perdes os bailes, é certo,
Mas lá — n'aquelle deserto
Tens um mundo: — o coração!

— Rio.

RECORDAÇÕES DO MAR

PARAPHRASE — 1865

No album do Dr. A. de Drummond Filho.

Era a hora em que o céo constella-se de mundos:
E Deus, symb'lo de amor, senhor dos largos céos,
Mergulha o sol já morto em vagalhões profundos,
Suspende a lua além--na vastidão sem véos!

Recordação querida! oh! sonho venturoso!
O mar vinha talvez de solidões sem fim,
Rasteiro, meigo, humilde, — em extasi amoroso
Beijar o teu pézinho envolto no setim.

Da bruma illuminada a fronte de Diana
Pendeu-se e te cercou de limpido fulgor:
Como o sultão que espreita o somno da sultana,
Febril, ardendo em gozo e pallido de amor!

Da doce athmosphera a transparencia vinha
Teu corpo senhoril n'um mar de luz banhar:
E como o chão d'um throno aos pés d'uma rainha,
Das praias o tapiz deixava-se calcar....

Oh! se eu pudéra, louco! encarcerar n'um beijo
Essa nota de amor que minh'harpa afinou!
Embalde, embalde, sim! Foi um sonho, um desejo,
Um ai que a brisa trouxe e o vento arrebatou!

— Recife.

A UNS QUINZE ANNOS

(1865)

M. L.

Oh! grâce surnaturelle!
— *Chansons des Bois.*

És doce e pura e saudosa
Como um perfume de rosa,
Que pouco a pouco se esváe:
És como o frouxel d'um ninho,
Os trinos d'um passarinho,
Uma petala que cáe.

És alva e meiga e divina
Como a nevoa peregrina
Da madrugada ao surgir:
O céu teu riso enamora,
Os anjos formam a aurora
Dos raios do teu sorrir.

És casta e nivea e serena
Como as azas, como a penna
Que um seraphim esqueceu:
Quando tu rezas, parece
Que para ouvir tua prece
Deus põe mais astros no céu!

Teu ser a musica exhala:
Teu corpo aromas trescala
Tudo em ti é luz e amor:
Tu'alma um jardim resume —
Cada segredo um perfume
E cada sonho uma flor!

Ás vezes tremes medrosa
Como o calice da rosa
Por onde o vento passou...
E se o rubor te colora,
Eu vejo romper a aurora
Aonde o pejo apontou.

És triste e casta e suave
Como o soluço d'uma ave,
Que entre os ramos se escondeu..
Se desprendes um gemido
És como um anjo perdido,
Que tem saudades do céu!

—Recife.

VERSOS ESCRIPTOS NA AREIA

Deus fez o Amor, mas temendo
Rival tão bello e tão forte,
Deu-lhe as Lagrimas por guias
E por companheira, a Morte.

— Bota-Fogo — 186...

HARALDO HARFAGAR

(H. HEINE — 1869.)

A T. A. Araripe Junior.

Haraldo, o rei Haraldo habita o oceano
Preso nos braços da mais bella ondina:
Succede o dia ao dia, o anno ao anno
E a fada cada vez mais o fascina.

Haraldo, o rei Haraldo habita o oceano
Preso nos braços da mais bella ondina....

A regia fronte extasiada pouza
No collo azul da peregrina fada:
Ella, o olhar enfia cubiçosa
No morto olhar da presa fascinada;

A regia fronte extasiada pouza
No collo azul da peregrina fada.

Ás vezes quando a voz da tempestade
Vem perturbar o reino das sereias,
Haraldo treme, luta e na anciedade
Tenta quebrar as languidas cadeias:

Ás vezes quando a voz da tempestade
Vem perturbar o reino das sereias.

Outras vezes o pobre rei escuta
Normandas vozes recortando o oceano:
Novos esforços, — repetida luta,
Ancia impotente, desespero insano!

Outras vezes o pobre rei escuta
Normandas vozes recortando o oceano.

Mas, ah! se Haraldo cuida ouvir os cantos
Dos marinheiros que inda o vêm saudar,
Soluça, geme, e espera, envolto em prantos,
A voz que foge na amplidão do mar....

Mas, ah! nas brumas vão morrendo os cantos
Dos marinheiros que inda o vêm saudar!

A branca fada sobre o rei se inclina,
Olha-o... suspira, — beija-o docemente,
E o rei se entrega ás tentações da ondina
Emquanto a vaga róla surdamente.

A branca fada sobre o rei se inclina
E em beijos sorve a lagrima demente!.....

— Recife.

IGNEZ

(1867)

Oh! dans tes longs regards j'allais tremper mon âme...
— *A. de Musset.*

N'aquella noite de arroubado enleio
Em que eu te vi pela primeira vez,
Pulsou meu peito e estremeceu teu seio:
Nós viviamos, Ignez!

N'aquella noite de ventura immensa
Da calma lua á morna languidez,
Noite de sonhos, de harmonia e crença
Nós tremiamos, Ignez!

N'aquella noite de profundo encanto
Em que eu cobri o rasto de teus pés
De loucos beijos, de insensato pranto,
Nós gozavamos, Ignez!

N'aquella noite de illusões formosas,
Bafejada de effluvio e morbidez,
N'aquelle instante de emoções saudosas
Nós choravamos, Ignez!

N'aquella noite de crueis martyrios,
— Iguaes áquella o Creador não fez!
Noite de febre e de infernaes delyrios
Nós amavamos, Ignez!...

—Rio.

A CHOÇA DO LENHADOR

(1868)

A cauâm piou, alem, na extrema do valle. Cahia a noite.

—*Iracema.*

No dorso da cordilheira
Tranquilla, humilde, rasteira,
Á sombra d'uma aroeira,
Cheia de fructos e flor,
Exposta ao vento, á invernada,
Ás chuvas, á trovoada,
Existe a alegre morada,
A choça do lenhador.

Salvos do mundo ás provanças,
Vivem n'ella de esperanças,
Dois velhos, quatro crianças
Na santa paz do Senhor:
E o raio que silva irado
Pelos trovões despenhado,
Poupa o tecto abençoado
Da choça do lenhador.

E emquanto loucas, raivosas,
Nas ribanceiras fragosas
As torrentes caudalosas,
Bramem do vento ao furor,
Um canto agreste e baixinho
De mãe que emballa o filhinho
Sáe n'um terno borborinho
Da choça do lenhador.

Nas longas noites de estio,
Do vento ao sopro macio,
Da lua ao clarão sombrio
Dos céos ao tibio fulgor,
Como a garça adormecida,
Nos mattagaes esquecida,
Alveja a sombra perdida
Da choça do lenhador.

Surge o dia irradiante,
Desponta o sol fulgurante
Banhando a serra odorante
De luz, de vida e explendor:
E o vento que a noite espalha,
Que entre os coqueiros farfalha,
Canta sorrindo na palha
Da choça do lenhador.

Oh! dilectos da innocencia!
Corra-vos sempre a existencia
Longe da crua inclemencia
Do mundo ingrato e traidor;
Não ha na terra nobreza,
Na terra não ha grandeza,
Que valha a casta pobreza
Da choça do lenhador!

Minh'alma agora batida
Das tempestades da vida,
Prostrada, exhausta, ferida,
Do mundo exposta ao rigor,
Vê-te ainda o tecto amado
Pelas saudades banhado
Como um sonho do passado,
Cabana do lenhador!

Era de tarde, ao sol posto,
Furtiva aragem de Agosto
Vinha expirar-me no rosto
Como um bafejo de amor... ..
As criancinhas brincavam,
Bandos de rolas voavam
E as andorinhas pouzavam
Na choça do lenhador.

Um canto longo e magoado
Partia o fundo vallado
E o cavo som d'um machado
Seguia a voz do cantor:
Na porta a velha cozia,
No berço o infante dormia
Emquanto o fumo sahia
Da choça do lenhador....

O sabiá na aroeira
Quebrava a endecha fagueira
E o bemtevi na palmeira
Soltava o pio ruidor:
Os arvoredos gemiam,
As cachoeiras rugiam,
Os raios do sol morriam
Na choça do lenhador.

Pela janella entreaberta,
De murchas rosas coberta
Sobre a parede deserta
Sorria a Mãe do Senhor:
E emquanto a Virgem sorria,
Deus invisivel descia
E a luz, o pão repartia
Na choça do lenhador.

Oh! loira tarde perdida,
Celeste effluvio da vida,
Oh! cordilheira vestida
De primaveras em flor!
Oh! alvas rolas cheirosas,
Oh! cantilenas saudosas,
Oh! criancinhas formosas
Da choça do lenhador!.....

Minh'alma ardente e sombria
Debalde evoca a harmonia
D'aquella santa poesia,
D'aquelle eterno explendor!
A gloria, o futuro, o gozo,
Tudo eu trocára gostoso
Por um dia de repouzo
Na choça do lenhador.

Mas ah! jamais ser-me-ha dado
Reconstruir o passado,
Vestir meu ser isolado
De luz, de crença e de amor!
Em vão, em vão meus ouvidos
Pensam colher os ruidos
Do matto e os cantos sentidos
Da choça do lenhador!

Vós, minhas crenças nevadas,
Como rosas desfolhadas,
Secais no mundo expalhadas —
Ludibrio eterno da dor:
E além, na serra, esquecida,
Pela Virgem defendida,
Cria mais flores e vida
A choça do lenhador.

— * * *

SONHO CRUEL

(1868)

Eu tive um sonho máu... Quem crê em sonhos?
Ah! não creias um dia,
Em sonhos máus, Maria!

Sonhei... Era uma praça enorme e triste,
Enchia a praça ardente multidão:
Chegava o réu co'a fronte condemnada
Pendida para o chão.

Pallido o sacerdote, austero e grave,
Cravava os olhos na amplidão dos céus...
E o condemnado já na hora extrema
Lembrava-se de Deus.

Eu segui-o tambem, — vi como os outros
Junto ao cepo fatal deter-se o réu:
Maria! o triste, o condemnado, o misero,
Conheci, — era eu!

Que sonho amargo! Elle subio tremendo
A negra escada e como quem gemia,
Um nome murmurou, um nome apenas,
O nome teu, Maria!

Brancos phantasmas consolar tentavam
Do condemnado as fundas afflições:
Era o bando das pombas fugidias
Das mortas illusões!

E elle beijou a cruz, — do sacerdote
A benção recebeu, a fronte fria
Ergueu chorando, — o pobre inda pensava
Pensava em ti, Maria!

E quando o ferro atravessou-lhe as carnes,
E o sangue espadanou do collo nù,
Tremi de horror e despertei gemendo...
O carrasco eras tu!

— Rio.

DOUS INVERNOS

(1869)

Comme vous êtes loin, paradis parfumé !
— *C. Baudelaire.*

— Pallida a fronte virginal pendida —
A rosa expira ; a planta augustiosa
Humilhada sucumbe como a rosa
Nas mãos do inverno gelida e despida.

Entre os sarçáes a fonte desvalida
As derradeiras lagrimas queixosa
Derrama... Inteira a natureza anciosa
Vai perdendo o calor, o brilho e a vida.

É que lhe falta o sol! Austero o inverno
A planta, a fonte, a rosa casta e linda
Impio escravisa ao seu dominio eterno.

Só grande é minha dôr! só ella infinda:
Pensar em Deus e labutar no inferno:
Não ver teus olhos e enxergar ainda!

— Recife.

SPES ULTIMA

(1869)

A J. C.

Minha doce illusão ultima e pura,
Bemdita rosa que plantei sorrindo,
Tambem te vás, tambem na vaga escura
Onde todos meus sonhos vão fugindo.

Nem uma estrella guiará teu rumo,
Nem seio amigo te dará guarida:
Foge, foge, ventura, esvae-te, fumo!
Que mal me faz uma illusão perdida?

Resta-me apenas a lembrança e é tanto!
A imagem tua no tremendo dia,
Em que as ondas seccarem de meu pranto,
E minha fronte resvallar sombria;

Irá comigo, ao pé de mim, cingida
Ao collo meu, sempre virente e pura!
Ella que foi meu astro n'esta vida,
Será tambem meu sol na sepultura.

E quando, livre dos terrenos élos,
Minh'alma o espaço percorrer voando,
Ha de affastar n'um beijo os teus cabellos,
E os nossos nomes murmurar chorando.....

—Recife.

ANIMA MATER

(1869)

Morria o Redemptor! Nas faces lacrimosas
D'Aquelle que gemia em prol da humanidade,
Duas lagrimas só! rolaram luminosas:
D'uma ergueu-se a Razão e d'outra a Liberdade.

Deus revelando assim a eterna omnipotencia
Do barro inerte e vil formou o homem-rei,
E morrendo legou-lhe um mundo — a Consciencia
Onde a luz predomina, onde a razão é lei!

A humana legião marchou enthusiasmada;
A senha do progresso os mundos converteu!
— *Liberdade e Razão!* E a phrase germinada
No globo retumbou na abobada do céu!

A fronte desolada ergueu-se altiva e nobre,
O pensamento alou-se em todo o resplendor:
A opulencia, a miseria, o forte, o grande, o pobre,
Bradam fitando os céos: — somos iguaes, Senhor!

A escravidão rojou o dorso moribundo,
A Idea-Mãe surgio; — explendido crisol,
D'onde a alma rompeu e conquistou o mundo
Tendo na dextra o gladio e na sinistra o sol!

Fez-se o homem por fim! Á sombra delle se ergue
O evangelho do povo; astro de redempção;
Homem que ha de chamar-se um dia Guttemberg,
E o futuro escrever com o sangue de Catão!

A Liberdade abrindo as azas triumphantes
A terra, o mar, o espaço, ardente percorreu,
E estendendo convulsa as garras chammejantes
Curvou o negro abutre aos pés de Prometheu!

E, Protheu sublimado, o seu aspecto vário
Encheu de assombro a terra, o mundo deslumbrou
Foi Carlota Corday, foi Spartaco, e foi Mario,
Foi a força, o heroismo, a voz de Mirabeau!

A Natureza anciosa abria os braços grandes
Á grande irradiação da gloria popular;
Livre, o genio de Franklin repousou nos Andes,
E Colombo sorrindo atravessou o mar!

Como phenix da idéa, o Capitolio ouzado
Cheio de sangue e pó encheu a vastidão:
Succede a vida á morte, o futuro ao passado
Á fogueira a tribuna, á forca o Pantheon!

Quem pudera partir a eterna fortaleza
Baseada d'um Deus no lenho salvador?
Ella que fez vibrar a voz da Marselheza
A cujos sons a terra estremeceu de horror!?

Ella que atravessou as praças fumegantes
Da Varsovia immortal! Ella que fez marchar
Na vanguarda gigante um mundo de gigantes,
E fez rolar na poeira a estatua do czar!

Quem pudera suster-lhe o vôo soberano?
Quem pudera partir-lhe o suberano arnez?
Raio, lascou o annel do pulso mexicano!
Gladio, fulgio nas mãos do Archanjo Juarez!

De polo a polo ouvindo-a, extactico o universo,
Deu-lhe envolto no sangue um throno por laurel:
A Hespanha popular offereceu-lhe um berço,
E aos pés lhe arremeçou a c'roa de Isabel!

Da America gigante as brazileiras zonas,
Sentindo fluctuar-lhe a sombra na amplidão,
Viram-na os pés banhar nas aguas do Amazonas,
E enchugal-os depois na face de Assumpção!

Viram-na entre o fumo erguer-se omnipotente
E curvar-se, e cuspir no rosto guarany,
E accendendo de Osorio a lança aurifulgente
Trocar o fulvo olhar com o olhar de Maurity!

O evangelho do povo em suas mãos fechava,
Entre o brilho da espada e o brilho do fuzil!
Cada gesto dos seus a tropa deslumbrava,
Deslumbrado a seguia o genio do Brazil!

E ella ia arrastando a fulgida mortalha,
Bella, immensa, divina, explendida e feroz!
Na sua voz soava a orchestra da metralha,
E o seu manto arrastava um turbilhão de heróes!

E lambia-lhe a trança o fumo das bombardas!
Estrellada de sangue a hydra nacional,
Entre os dentes rasgava as inimigas fardas,
Enroscada da gloria ao rubro pedestal!

Emquanto a espada, a penna, a intelligencia, o verbo,
Irmãos gemeos da luz, da humanidade irmãos,
Formarem-te o cortejo e o teu pendão soberbo
Tremular senhoril nas brazileiras mãos;

Emquanto a humanidade ouzar erguer-se ufana,
Arrogante, plebéa, excelsa e triumphal,
E calcar a seus pés na marcha soberana,
A corôa cesarea e a purpura real;

Oh! alma do universo! oh astro luminoso,
Pedestal do porvir! torrente popular!
Não ha quem te detenha o curso caudalozo,
Nem Xerxes que acorrente as ondas do teu mar!

Tu és a encarnação do excelso christianismo!
És a ancora immortal que prende a terra aos céus!
A criação sem ti, seria o cahos, o abysmo...
Ou mais de um Deus existe ou és o proprio Deus!

— Recife.

AOS CORYMBOS

Voai! voai, Inspiração divina —
Filha do amor e do mais casto enleio;
Ide dormir no seio de Corinna,
Ide accordar de minha mãi no seio!

— Recife — Novembro de 1868.

AO DR. HENRIQUE MAMEDE LINS DE ALMEIDA

Henrique,

Ahi vão os CORYMBOS. *Devo antes de tudo participar aos que lerem o livro, que te declaro solidario, direi melhor: cumplice no meu commettimento litterario. A instancias tuas imprimem-se os meus versos: fizeste-te edictor do volume e animaste cordialmente o escriptor: — duplo obsequio que te devo e duas graciosissimas bondades de tua alma que minha alma jamais esquecerá.*

Não sei como os criticos receberão os rudes acordes de minha agreste musa: em todo o caso é de crer que não sugeitem ás forcas caudinas do methodo e das escolas esses sonhos, esses desejos, essas chimeras cujo unico merito é o de lembrarem momentos que o coração recorda commovido e que a saudade eternamente perfuma.

Eu devêra repetir aqui aquellas formosas palavras que servem de introducção ás Corôas Fluctuantes *do poeta portuguez.*

Não serão os meus CORYMBOS *tambem folhas e rosas exparsas, que a correnteza arrebata, e o esquecimento espera?*

Embora! resta-me a consolação de ter podido consagrar n'uns versos pallidos as mais santas e castas reminiscencias de minha vida. Recordar-se consolar-se, *na phrase do poeta.*

Aperta-te as mãos, o amigo reconhecido,

Luiz C. P. Guimarães Junior.

Recife, Agosto de 1869.

NOTAS

Ao Niemen..... pag. 20

Esta traducção é um pallido reflexo do celebre soneto do inspirado e infeliz poeta polaco A. Mickiewicz. A traducção franceza em prosa de Ostrowski que servio de modelo, tornou mais difficil o meu commettimento. Traducções de poesia em prosa, na phrase pittoresca de Heine não passam de «*clair de lune empaillé*». Desculpem-me pois os entendedores na materia.

Oração á Virgem..... pag. 49

Estes versos foram espalhados na igreja do Bom Conselho no dia da festa academica a 8 de Setembro de 1866.

Áquella que partio..... pag, 57

Não sei se agradará ao paladar dos leitores esta fórma de sonetos em alexandrinos. Em todo o caso creio que entre nós não é muito vulgar o genero.

Innocencia..... pag. 68

Estes versos de François Coppée foram recebidos calorosamente pela imprensa belga e franceza, quando appareceram pela primeira vez. Eu e o meu distincto amigo e collega Regueira Costa Junior, n'uma hora de desfastio, vertemos ao correr da penna as bellissimas quadras do poeta francez. Eis a razão por que vem n'este votume a elegante traducção de Regueira Costa.

Aproveito o ensejo para declarar aos leitores que muito breve terão de apreciar um volume de traducções d'esse illustre moço cujo talento é tão brilhante quanto é modesto. Será uma bella acquisição para as lettras patrias.

Invocação..... pag. 79

Esta meditação de Lamartine já foi traduzida por uma das mais explendidas intelligencias de que se póde ufanar o Brazil, — o Exm. Conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro. Só depois de prompta a minha traducção é que tive noticia da brilhante versão do il-

lustre finado. É impossivel o confronto, mas a condescendencia dos leitores relevará o meu arrojo.

O Vagalume..... pag. 93

Esta cançoneta pouco vale litterariamente fallando. A recordação porém que ella evoca é tão grata a minha alma, que eu troco de bom grado esses simples versos assim como outros, escriptos pelo mesmo tempo, por tudo o que posteriormente escrevi.

Mont'Alverne..... pag. 87

Esta poesia foi impressa em brochura pouco tempo depois de ser recitada na sessão solemne do *Gremio Scientifico.*

A Ballada da Flor..... pag. 107

Nas *Primaveras* do chorado Cazimiro de Abreu ha uns versos inspirados por ideia semelhante. E' possivel que alguma fugitiva reminiscencia das *Primaveras* tenha sido a fonte inspiradora dos meus versos.

O cavalleiro Olaf..... pag. 124

São estes versos extrahidos da collecção dos dous *Faustos* de Gerard de Nerval. Lutei na traducção com duas enormes desvantagens para mim : — interpretar a subtileza do pensamento poetico em primeiro lugar, e transportar para o verso Alexandrino com a rima obrigada em todos os pés, a prosa embora brilhante e pura do traductor de *Fausto.*

A beira da estrada..... pag. 127

E' uma leve imitação de H. Murger nas *Noites de inverno.*

Haraldo Harfagar..... pag. 142

Esta lenda é traduzida da versão em prosa franceza de Gerard de Nerval, o inspirado traductor dos dous maiores poetas da Allemanha, — Gœthe e Heine. Extrahi-o d'uma moderna edição do *Fausto* de Gœthe, onde vem outras de diversos poetas allemães.

A choça do Lenhador..... pag. 147

Estes versos não são producto apenas de mero capricho poetico. Prende-se a elles a mais saudosa e casta recordação do tempo passado.

Anima mater..... pag. 160

Estes versos expressamente escriptos para serem recitados pela eximia artista dramatica brazileira Julia C. d'Azevedo, foram lidos pelo author na sessão magna da Arcadia Pernambucana a 11 de Agosto do corrente anno.

Circumstancias imprevistas deram rumo diverso a essas desmaiadas estrophes, que, interpretadas pela talentosa artista a quem foram destinadas, ganhariam por certo a luz, a vida, a inspiração que lhes falta.

INDICE

Dedicatorias. . . . . 5 e 7
Soneto 9
Intima 11
Supplica 14
O Futuro 16
Consuelo. 18
Ao Niemen 20
A Garça. 22
A Sepultura d'ella. 24
Satan. 26
Recuerdo 27
Sinhá. 29
A Barca. 31
Quatorze versos 33
Noite de estio 35
Estancias. 37
Versos azues 40
Sorrisos matinaes 43
Aspiração 45
Lagrima furtiva 47
Quadro Flamengo. 48
Oração á Virgem 49
Branca rosa. 52
Canção 55
Áquella que partio. 57
Noite de luar a bordo. 59
Candura. 62
Dia e noite 64
Arroubo. 66
Innocencia 68
Innocencia por J. B. Rigueira Costa. 70
Hymno antigo 72
Cantiga em noitede luar 76
Invocação. 79
Versos á um anjo 81
O vagalume. 83
Mont'Alverne. 87
Serenata. 96
Tarde de Outubro. 98

O teu amor 101
Amemoria d'uma criança 104
Mater 105
A Ballada da flôr 107
O poema do pescador 110
Nós dois 118
Tres cartas d'ella 120
A Corinna 122
O cavalleiro Olaf 124
A beira da estrada 127
Ultimo adeus 129
Nemesis 131
Ao som da viola 133
Recordações do mar 136
A nns quinze annos 138
Versos escriptos na arêa 141
Haraldo Harfagar 142
Ignez 145
Achoça do lenhador 147
Sonho cruel 153
Dois invernos 156
Spes ultima 158
Anima mater 160
Aos Corymbos 166
Ao Dr. Henrique Mamede Lins de Almeida 167

ERRATAS

9.....	13	*Mattando*.....	Matando.
13.....	16.....	*Estalla*.....	Estála.
18 e 118...	3 e 7.....	*Gotta e gottas*...	Gota e gotas.
19.....	18	*Pouppou*	Poupou.
24 e 96....	6 e 5.....	*Téllá*	Téla.
25.....	10.....	*Revella*.....	Revéla.
37, 38 e 152	7, 15, 24 e 11	*Seco, seca secando, secais*.....	Secco, secca, seccando seccais.
44.....	6.....	*Matta*....	Mata.
50.....	24.....	*Universso*.....	Universo.
77.....	2.....	*Sucede*.....	Succede.
78.....	6	*Brisas de cèo que passais*..... ..	Brisas do céo que passais.
101 e 148...	6 e 14.....	*Emballa*	Embála.
121	2	*Lutta*.....	Lucta.
126	19	*São como a cor azul do olhar da minha amada*..	E' como a cor azul do olhar da minha amada.
152	7..	*Matto*..... ..	Mato.
156	3	*Sucumbe*	Succumbe.
159	4	*Resvallar*.....	Resvalar.

TYP. DO CORREIO PERNAMBUCANO — 1869.

YC145292